LISBOA — QUINTA-FEIRA, 21 DE ABRIL DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 13 — 10 CENTAVOS
Telefone 5213 (C.) — Endereço telegrafico DIBOA
Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO
Redacção e Administração
RUA DO CARMO, 90, 2.º
Composição: R. do Mundo, 57. Impressão: R. da Atalaia, 114

CONTRA certas insinuações sem sombra de fundamento, sabemos que o governo brasileiro nunca animou a campanha nativista que, sobretudo, no Rio de Janeiro e Pará tanto ruido tem feito.

Há pouco tempo, numas eleições suplementares realizadas no distrito federal do Rio de Janeiro, apresentaram-se dois candidatos a disputar os sufragios—um governamental e outro retintamente nativista. Este obteve duzentos e tal votos, o seu competidor qualquer coisa como catorze mil. A eloquencia destes numeros dispensa comentarios.

Os nativistas são simplesmente fortes em verborrêa. Os eleitores não os conhecem—o que para homens que fazem tanto barulho é um bom castigo.

* * *

O SR. Leote do Rego deve estar a estas horas em Paris, sondando os ares da politica internacional. E' de crer que brevémente o tenhamos munido de tres discursos e as suas renovadas esperanças de se instalar na legação de Berlim. Parece, no entanto, que nada conseguirá, porque na Wilhelstrasse receiam o seu espirito belico.

* * *

O SR. dr. Afonso Costa, apenas regresse á politica, formará um governo nacional, disposto a resolver os problemas dificeis da nossa crise, munido préviamente da dissolução parlamentar. Alguns homens, que agora são ilustres, pensam em ir para a Batalha fazer a guarda aos soldados desconhecidos. Que nobre destino!

* * *

GRAÇAS a uma trabalhosa combinação, elementos monarquicos e republicanos que se encontravam em Madrid, concertaram-se umas exequias aos soldados desconhecidos, com participação da nossa legação.

Houve, porém, uma condição lamentavel que um dos nossos representantes não teve duvida em aceitar—a bandeira portuguesa não figuraria na cerimonia.

O dr. Felix de Carvalho, ao ser informado do que se passava, recusou-se a comparecer. O governo espanhol não se fez representar para evitar desaire de maior. O diplomata em questão, vendo o mau cariz que as coisas tomavam, nem teve forças para ir esperar o marechal Joffre e pouco depois o generalissimo Diaz, apressando-se a pedir tres meses de licença.

* * *

AMAINADA a borrasca serio-comica dos Bairros Sociais, o Parlamento ocupar-se-ha do caso Liberato Pinto.

Haverá quem defenda *à outrance* o ex-chefe do estado maior da G. N. R. Mas para estabelecer o equilibrio indispensavel no debate, não faltará tambem quem o ataque com energia e persistencia.

Entre os atacantes mais estrenuos não pode deixar de figurar o sr. Homem Cristo, que na sua linguagem vigorosa analizará as causas determinantes do inquerito, apimentando essa analise com comentarios causticos.

As vozes mais optimistas proclamavam ontem nos Passos Perdidos que o sr. Liberato Pinto pedirá a sua demissão do exercito e abandonará o directorio do Partido Republicano Português.

O COMERCIO LIVRE

A guerra, com o terrivel regime de improdução que criou na Europa, obrigou os governos dos varios paises a suprimir a liberdade do comercio, já fazendo-se eles proprios comerciantes e industriais, já tabelando os preços dos generos de consumo.

Esta situação, cheia de perigos e dificuldades, ainda se prolonga entre nós, apesar de algumas tentativas já feitas para lhe quebrar a primitiva rigidês.

Representa uma anomalia, dentro dos nossos habitos mercantis, mas que foi absolutamente necessaria, não só para travar a furia gananciosa dos especuladores, como tambem para evitar que os consumidores se excedessem, devorando com sofreguidão as existencias do mercado.

Para grandes males, grandes remedios—costuma dizer-se. A guerra que estava para com a riqueza como os incendios para com o recheio dos predios que devoram, se porventura não houvesse uma providencia e uma previdencia—e naturalmente só o Estado e as autarquias locais se podiam investir de semelhante papel—que impedissem o desbarato ou, quando menos, o gasto incalculado das provisões, acabaria por criar uma tal penuria, senão verdadeira miseria, em que nós perderiamos sem duvida até a noção de civilização.

Não queremos discutir agora se a acção estadoal foi sempre proficua e inteligente, mas não nos espanta que muitas vezes resultasse inutil ou agravadora dos males que pretendia remediar. Salvem-se ao menos as intenções—acreditamos que os nossos governos se inspiraram sempre no proposito de debelar o que na crise das subsistencias havia de angustioso.

Se o exito não favoreceu tantas das suas tentativas, isso explica-se talvez pela urgencia imperiosa de tomar medidas que o raciocinio não fecundava devidamente. Mas o que lá vai lá vai: com aguas perdidas não andam os moinhos.

O governo do sr. dr. Bernardino Machado encontra-se agora habilitado por uma lei a restabelecer a liberdade do comercio, tão insistentemente reclamada por individuos que desejam libertar-se do artificio em que vivemos.

Alguns homens, cuja opinião reputamos digna de ser ouvida e discutida, porque possuem sciencia e competencia para se pronunciarem, manifestam-se inteiramente favoraveis e partidarios do regresso á economia da concorrencia.

Pela nossa parte, entendemos que só assim o país reencontrará as condições indispensaveis, para que a produção se normalise, prejudicada como tem sido pelo mercantilismo desenfreado que, á sombra dum regime esdruxulo de *permis*, concessões e favores, engordou alguns cavalheiros conceituados que melhor figura fariam pendurados noe braços duma forca.

Mas como para haver comercio livre se exige, alem da lei que o restabelece, que os mercados se encontrem abastecidos de artigos e generos de consumo, pois que sem uma oferta rasoavel o especulador achará sempre campo para as suas manobras ilicitas, reputamos de boa prudencia encarar a serio, com o intuito de bem fazer o problema da produção. As *defesas* preconizadas pelo sr. Comissario dos Abasteçimsntos parecem-nos acertadas.

E não se esqueça que, enquanto o cambio nos isolar do trafico internacional como uma muralha da China, a expressão comercio livre terá um sentido bastante defeituoso.

AS FORÇAS VIVAS

(Desenho de Almada Negreiros)

A LIBERDADE de comercio parece que vai ser decretada.

Liberdade de comercio não quer dizer liberdade de comer. Em principio é, apenas, uma liberdade de ganhar.

Mas, desaparecidas as circumstancias da paz, o governo, bom psicologo, confia na emulação, na concorrencia e noutros ornamentos da psicologia dos comerciantes, e, daí, a baixa de preços, a tal vaga da baixa, baixa que até nós, por enquanto, chegou muito vagamente.

* * *

SE o comercio livre fôr decretado, é quasi certo que o sr. Peres Trancoso se desinteressará por completo da questão dos abastecimentos.

A experiencia da abolição das tabelas reguladoras de preços dos generos já por mais duma vez tem sido tentada e todos nós sabemos que os seus resultados não são famosos.

O comercio livre apenas liberta o comercio, facilitando-lhe um *à vontade* sempre prejudicial para o consumidor.

E isto é tão verdade que já existem em certa repartição copias de telegramas enviados por negociantes aos seus fornecedores, mandando suspender remessas.

O conhecido sistema de provocar a carencia no mercado, para agravar a carestia...

* * *

SABE-SE que o documento de Solari Alegro com que o sr. Dias da Silva pretende arrazar o sr. ministro do Trabalho, alude a denuncias de correligionarios feitas pelo sr. Domingues dos Santos durante o tempo em que esteve preso pelos monarquicos.

S. ex.ª continua mantendo, no entanto, o seu sorriso acolhedor e satisfeito.

E já ontem no *restaurant* do Parlamento alguem dizia que ao mesmo tempo que o sr. José Domingues dos Santos estivera preso um alferes do mesmo nome...

Coincidencia notavel—de imaginação!

* * *

Novidade literaria: Foi posto á venda um formosissimo livro de contos de João do Rio—*Rosario de Ilusão.*

* * *

POR esse país fóra os devotos fazem as suas preces «ad pretendam pluviam». Na verdade o sol, glorioso e radioso, alindando a cidade, devasta os campos.

O sr. dr. Bernardino Machado, que teve sempre o ideal de estar de bem com Deus e com o Diabo, não conseguiu ainda o de sol na eira e chuva no nabal.

Os inimigos politicos de s. ex.ª quererão talvez atribuir-lhe responsabilidades neste excesso de sol?

Não sabemos se foi encomendado para a recepção ao marechal Joffre. Se assim foi chegou um pouco tarde, pois que o marechal apanhou um dia de chuva em Lisboa e, debaixo de chuva, entrou no Porto.

Em compensação, o sol, neste fim de abril, assentou arraiais. E talvez se conserve enquanto se conservar o governo—fiel a quem o requisitou.

No entanto temos de confessar que ele se poderia retirar por um pouco, não só para favorecer os campos, como porque, mesmo na cidade, ha muita coisa a pedir chuva.

A greve dos estudantes de Coimbra

O sr. dr. Angelo da Fonseca recebe deputações das Faculdades de Direito, Letras e Farmacia

COIMBRA, 20.—Deputações das faculdades de Direito, Letras e Farmacia foram ontem cumprimentar o ilustre professor da Faculdade de Medicina, sr. dr. Angelo da Fonseca, manifestando-lhe ao mesmo tempo a sua sol[illegible]lariedade.

A greve da academia, originada pelo curso do quinto ano medico, continua no mesmo pé. Funcionaram algumas aulas de Sciencias, comparecendo apenas os estudantes militares.

Os estudantes de Lisboa e Porto secundarão os seus colegas?

COIMBRA, 21.—Mantem-se a greve academica, funcionando apenas as aulas de Sciencias com a comparencia dos estudantes militares, A Faculdade de Medicina reunida hoje em conselho, resolveu dar a sua mais franca solidariedade ao professor sr. dr. Angelo da Fonseca.

Os grevistas contam com o apoio dos seus colegas do Porto e Lisboa.

Uma nota da comissão dirigente do movimento

A comissão dirigente do movimento de Coimbra dirigiu á imprensa a seguinte nota:

«A Academia de Coimbra, reunida em sessão magna, depois de ouvir serenamente a exposição completa dos factos que originaram o conflito entre o V ano medico e o protessor dr. Angelo da Fonseca, deliberon decretar a greve geral por não poder admitir «a saída expontanea e em massa do referido curso para outra Universidade»—unica solução apresentada pelo director da Faculdade de Medicina.

«Mais resolveu manter-se nesta atitude até que o conflito seja solucionado a dentro da formula: «substituição do professor examinador dr. Angelo Rodrigues da Fonseca, das cadeiras de 2.ª clinica cirurgica e clinica urologica para o actual V ano medico.»

Foi já publicado o segundo manifesto, em que se explicam os motivos da actual greve academica, que teve origem no facto de o curso do V ano medico se julgar ferido na sua dignidade, por uma apreciação do sr. dr. Angelo da Fonseca ao discurso proferido pelo quintanista Eduardo Coelho, em nome do seu curso, junto do ataude do professor Daniel de Matos.

Desfalque de 50 mil escudos

Noticia a «Imprensa de Lisboa» ter-se cometido um desfalque de 50 mil escudos nos escritorios da firma Julio Gomes Ferreira, Limitada, de que é socio gerente o escritor sr. Lino Ferreira, redactor do nosso colega «Diario de Noticias». Segundo a queixa apresentada na policia, o autor do desfalque foi um empregado que exercia as funções de caixa. Anda um agente de investigação á sua procura.

REUNIÕES PARA HOJE

Banco de Crediio Nacional, ás 21; Assistencia e Beneficencia aos Invalidos do Trabalho, ás 20; Companhias de seguros Continental e Extremadura, ás 21; Operarios do Municipio, ás 21.

L. SILVA DIAS

Representações estrangeiras e conta propria

Stock dos seguintes artigos:

Cabedais e artigos para calçado.
Botões perola, agulhas.
Bordado a pezo e á peça.
Peúgas de seda e algodão.
Molas para vestidos.
Pentes e escovas.
Maquinas de escrever A B C.
Maquinas de chegon.
Pneus e camaras d'ar.
Anilinas.

Rua Aurea, 265, 2.º

Telefone 3207-C.

UM POETA ESTRANHO

A idiosincrasia de Camilo Pessanha

A sr.ª D. Ana de Castro Osorio narra ao "Diario de Lisboa" como conseguiu levar o poeta a publicar a "Clepsydra"

Ontem, por volta do meio dia, subi devagar a rua do Arco do Limoeiro e fui bater á porta da sr.ª D. Ana de Castro Osorio que me recebeu, apesar da hora matinal, com a sua provada e costumada gentileza.

—Ora ainda bem que veiu! Gosto sempre de conversar comsigo... E realmente a sua voz parece-me sincera ao desejar as boas vindas.

—Que bom vento o traz por cá?

—Obrigações do serviço. Estou encarregado de a entrevistar e de pedir-lhe algumas notas sobre o estranho poeta que é Camilo Pessanha — notas que interessam particularmente o meu director e que só V. Ex.ª me pode dar.—Com o mesmo sorriso bom, a Srª. D. Ana de Castro Osorio prestou-se logo a responder-me a todas as perguntas que a minha curiosidade apetecesse.

Mas decididamente eu não tenho geito nenhum para entrevistar ninguem. Acho sempre desagradavel arrancar opiniões ou forçar comentarios. Por isso a nossa conversa decorreu serena, esperando em ouvir nela o bastante para encher as meias columnas que esperam esta entrevista.

A proposito de um hipotético livro de versos que eu quero fazer ainda esta epoca, e que se chegar realmente a ver a luz do dio será feito na Casa Editora Lusitana da Sr.ª D. Ana de Castro Osorio, foi-me esta senhora mostrar detalhadamente os seus escritorios na rua do Arco do Limoeiro, no mesmo predio em que habita.

Até aqui a casa «Lusitania» chamava-se «Casa editora para crianças», mas agora mudaram-lhe o nome por querer a sr.ª D. Ana de Castro Osorio editar varios livros que não são de modo nenhum para crianças.

Até hoje apenas tres livros saíram das suas maquinas: «Os Bonecos», poema de Luís de Montemór; a «Rainha Santa», de João de Castro; e finalmente «Clepsydra», de Camilo Pessanha.

A proposito deste poeta disse-me a sr.ª D. Ana de Castro Osorio coisas realmente interessantes.

—Foi v. ex.ª que o forçou a publicar, não é verdade?

—Sim, fui eu. De ha muito que conheço Camilo Pessanha. E' um verdadeiro poeta e um verdadeiro sonhador. Mas é tambem um timido e um misantropo. Camilo Pessanha nunca escreveu um só dos seus versos. Compõe-nos nas suas horas de inspiração, e guarda-os na memoria. Só consente em dizê-los ás pessoas da mais intimidade. Ha tempos tendo eu ouvido alguem recitar versos seus, deturpando-os e truncando-os sem piedade, pensei que era absolutamente necessario reunir num volume algumas das suas melhores poesias. Então, sem dizer ao poeta os meus planos, pedi-lhe que fosse ditando versos seus, pois queria guarda-los num caderno. Camilo Pessanha ditou-me algumas belas poesias. E foi assim que nasceu a sua «Clepsydra».

—E' curiosissimo, na verdade. E tanto o poeta, como o publico, lhe devem, minha senhora, um grande reconhecimento... Mas naturalmente agora Camilo Pessanha, animado pelo exito dos seus versos, volta a publicar...

—Ah, isso sim! Camilo Pessanha está em Macau e não dá novas de si. Creia, nele não existe, nem mesmo estado latente, o mais pequeno desejo de gloria.

Calámo-nos um momento. A sr.ª D. Ana de Castro Osorio, sempre pronta de lisongear o meu amor proprio, poz-me nas mãos um exemplar na sua nova «plaquette», «A Princesa Muda», delicioso conto para crianças, primorosamente ilustrado por Léal da Camara. A historia da «Princesa Muda», num conto de fadas adoravel, alem do encanto que tem para os pequeninos, está perfeitamente trabalhado sob o ponto de vista literario, pois eu que já não sou positivamente uma «bébé», gostei imenso de o ler.

—E agora temos novos trabalhos no prélo, não é verdade?

—Sim, um livro de «impressões» e que se chama «Dias de Festa». Mas desse falaremos a seu tempo...

. . . .

Ha quasi uma hora que eu abusava da paciencia da sr.ª D. Ana de Castro Osorio. E apesar de ter por desculpa o extraordinario encanto da sua conversa que sem querer me prendeu tanto tempo, fiquei envergonhada ao ver como tinha sido importuna. Não me quiz demorar mais um momento. E já na escada ouvi ainda a voz da sr.ª D. Ana de Castro Osorio pedindo-me que voltasse.

O que pode a gentileza!

Maria Fernanda.

Seminario de Santarem

Foram solicitadas providencias para serem sustadas as obras no seminario de Santarem, porquanto sem protesto estão sendo demolidos os arcos classificados de monumentos nacionais como vestigios dos antigos paços episcopais, devendo ser intimada a reitoria daquele estabelecimento a repôr no mais curto espaço de tempo, os referidos arcos no seu primitivo estado.

Uma queixa da Companhia do Gaz

As Companhias Reunidas de Gaz e Electricidade apresentaram queixa á policia contra a firma Queiroz, Pinho & C.ª, com oficina de reparações de automoveis na rua de Vale Pereiro, 9, a quem acusou de uma fraude cometida com um ramal que fez ocultar entre a portinhola e o quadro de distribuição, impedindo, assim, que a corrente electrica passasse pelo contador. Segundo a mesma queixa a firma visada procura fazer o trespasse do referido quadro na intenção de se esquivar ao pagamento da multa que é exigida pela Companhia, relativamente a 5.000 escudos de corrente electrica desviada.

Conselho de Medicina Legal

Foram exonerados de vogais do Conselho de Medicina Legal de Lisboa, os professores srs. drs. Francisco Gentil e coronel Fernandes da Cruz sendo substituidos o primeiro em reintegração do professor sr. dr. Custodio Cabeça e o segundo pelo professor sr. dr. Antonio Augusto Alves Pereira de Sampaio Forjaz Pimentel.

PAPELARIA PALHARES

141, RUA DO OURO, 143

Completo fornecimento de artigos para escritorio, engenharia e desenho.
Canetas com tinta das melhores marcas.
Trabalhos tipograficos em todos os generos.

TELEFONE 842—LISBO

Sociedade Portuguesa de Administrações

SOC. ANON. DE RESP. LIM.

CAPITAL AUTORISADO: 5:000 CONTOS — CAPITAL EMITIDO: 1:000 CONTOS

Endereço telegrafico "Spa"—Cod. Ribeiro: A. B. C. 5.ª Ed.—Lieber's

SÉDE — Calçada do Sacramento, 14, 1.º — LISBOA

TABELA DE COMISSÕES
ADMINISTRAÇÃO DE BENS

(*) Recebimentos de Juros e Dividendos—Lisboa e Porto....	1 0/0
Recebimentos de Juros e Dividendos—fóra de Lisboa e Porto	1 1/2 0/0
Recebimentos de Heranças e Legados........	Convencional
Compra e Venda de Titulos........	1 0/0
Compra e Venda de Prédios rústicos e urbanos........	1 0/0
Cobrança de rendas de predios........	2 0/0
Cobrança de Pensões do Estado........	2 0/0
Cobrança de ordenados e vencimentos........	2 0/0
Pagamentos de impostos:—por um predio........	Esc. 3$00
por 2 a 4 predios, cada um........	Esc. 2$00
por 5 predios ou mais, cada um........	Esc. 1$80

Administrações mais complexas, condições convencionais

TEATROS

A festa de hoje na Trindade

Teodoro Santos, artista justamente apreciado pelas suas faculdades de comediante, realiza esta noite a sua festa artistica no teatro da Trindade.

Sobe á scena em 5.ª recita de assinatura o original em verso da sr.ª D. Branca da Silveira e Silva (Giesta) «Sangue azul».

Completa o espectaculo o episodio de Julio Dantas «1023».

O interesse que está despertando a nova produção da distinta poetisa e a simpatia de que gosa o festejado, garantem a Teodoro Santos uma noite de entusiasmo.

Noticias ineditas

A companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho passará a representar no Teatro da Trindade logo que o nucleo de artistas da Sociedade Teatral que ali trabalha seguir para o Porto.

Soltas

A companhia da ilustre artista Palmira Bastos que no Sá da Bandeira, do Porto, tem representado, com exito notabilissimo, um variado repertorio, vem a Lisboa em maio, apresentando-se num dos teatros da capital.

—Dia a dia mais se acentua o entusiasmo pela recita de caridade que vai em breve realizar-se no Nacional, a favor do Asilo-Escola Antonio Feliciano de Castilho e Instituto dos Cegos Branco Rodrigues, que é promovida pela sr.ª D. Laura Calado.

Reclamos

NACIONAL—Vai hoje á scena n'este teatro a delicada comedia de D. João da Camara «Os Velhos» peça linda das mais proprias para ser vista por familias e na qual Eduardo Brazão, no papel por ele criado, tem um dos seus mais brilhantes trabalhos.

GINMASIO—Em recita unica, vai hoje á sce a a interessante e graciosissima peça «A Ventoinha» interrompendo-se as representações por motivo de doença do ilustre actor Alves da Cunha da peça «Negocios são negocios».

AVENIDA.—Hoje, em penultima representação, repete-se a magnifica comedia de Chagas R quete «O Senhor Roubado».

SÃO LUIZ.—A engraçada opereta «J. P. C.» continua a sua carreira triunfal, atraindo todas as noites uma selecta concorrencia, que se não cança de aplaudir.

APOLO.—O «Burro em pé», com os quadros novos, é ainda o sucesso de todas as noites. A 25 realiza-se a recita do camaroteiro; a 27, a de João da Silva, com o «Noivo encravado», reaparição de Artur Rodrigues, grande concurso de fados; a 28 a de Justina de Magalhães; a 30, a de José Morais.

EDEN.—Ficou adiada para sabado, 23, a primeira representação no Eden-Teatro da revista-fantastica «Cerco ao Rei», original de Penha Coutinho, autor da opereta «A Leiteira de Entre Arroios», por não estar concluida a montagem nem o guarda-roupa.

SALÃO FOZ.—Deolinda de Macedo foi muito bem acolhida, ontem na sua estreia, na revista «Trólaró». que continua a ser o grande sucesso da temporada.

COLISEU DOS RECREIOS.—Continua a acentuar-se dia a dia o sucesso alcançado pelo engenheiro mr. Armstrong com os seus trabalhos cinematograficos, que consistem em impressionar peliculas com a representação duma comedia que tem como protagonista os espectadores.

CARTAZ

S. Carlos—A's 21,30—Sociedade de concertos. Quarteto Poulet.

Nacional—A's 21, «Os Velhos».

Trindade—A's 21, 5.ª recita de assinatura. «Sangue azul». «O 1023».

S. Luis—A's 21, «J. P. C.»

Ginasio—A's 21, «A Ventoinha».

Politeama—A's 21, «O João Ratão».

Apolo—A's 21,30, «Burro em pé».

Avenida—A's 21,30, «O Senhor Roubado».

Salão Foz—A's 20,30 e 22,30, «Trolaró».

Coliseu dos Recreios—A's 21—Companhia de circo e variedades.

ANIMATOGRAFOS

OLIMPIA—Rua dos Condes.

CINEMA CONDES—Av. da Liberdade.

CHIADO TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso.

SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores.

CHEGOU NOVO STOCK
—=DE=—
CHAMPAUBRIS
S. Micquot
Grand vin mousseux
UNICO DEPOSITARIO
A. Pereira Nunes
P. dos Restauradores, 13
TELEFONE
C. 3:300

ARTE & LETRAS

POEIRA DO MUNDO

Santa-Ritta, Pintor e Philosopho

Vi-o a primeira vez em 1911, chegava eu de Portugal, no museu Carnavalet, em Paris. No sonolento silencio costumado nos museus, ouvi de repente uma algazarra estranha, francês e chárábiá, uns gritos anormais e um borborinho de acontecimento. Era um guarda boçal que intimava Santa-Rita a saír, e este que lhe respondia sem se desmanchar, com uivos e gestos longos, falando uma lingua desconhecida, de monosilabos desconexos, sem sentido nem harmonia. Deste genero de defesas, abusou Santa-Rita um pouco na sua vida, vim mais tarde a constatar.

A ordem simetrica de manequins bem educados que geralmente os visitantes tomam ao verificar os museus, desfez-se em corridinhas, e eu aproximei-me tambem, julgando tratar-se de um doido. Um amigo que me ciceronava, elucidou-me:—«é um português. O Pintor Santa-Rita!»

O guarda expulsara-o porque ele se havia sentado no «fauteuil» de Voltaire, crusara a perna e acendera um cigarro; não havia meio de o arrancarem dali. Estava inteiramente só.—Metade do seu espirito ficou ignorado por falta de taquigrafos.—Por ultimo saíu...

E depois de muito ter irritado o bom burguesinho com o seu palrear sem logica nem clareza, Santa-Rita então explicou no melhor francês deste mundo:

—«Perdão, senhores! E' que, como todas as forças fisicas, morais e intelectuaes, por meio de injecção ou do simples contacto, segundo afirma scientificamente o doutor *Tal* (e citou um nome exquisito, arrevesado), hoje se conseguem como que por milagre, eu sentei-me ali, a ver se o genio de Voltaire, atravez da cadeira...

E no meio das gargalhadas duns e da irritação da maioria, Santa-Rita se foi, braços abertos como um cruxificado, gritando na sua voz estridente, qualquer coisa que ninguem compreendia, nem ele: — «andemeston biartériertrinon ony osneiiasse!»

* * *

Assim o conheci.

Santa-Rita, elegante e sempre de negro vestido, era uma figura estranha no nosso meio conservador, burguez e ponderado. Chocava pelo quanto era diferente de todos. Em Portugal foi o artista mais intelectual de todas as gerações. Poderia ter sido o mais forte, mas nunca o quiz ser. Jonglarizou com a sua propria dôr e fez dela o poema que Goethe nos aconselha, sem nunca o deixar ver a ninguem. Nem aos mais intimos. Intimos? Mas Santa-Rita não os teve, nunca os quiz, nem poderia ter. Era muito diferente dos homens que o acotovelavam, e além de tudo, a sua fidalguia espiritual levou-o sempre a considerar os outros como «pantins». Todos o respeitavam, todos o temiam e todos os admiravam, sem terem a consciencia do «porquê». Ele mesmo nunca pensou descobri-lo. Era suficientemente orgulhoso e indiferente para reparar nestes casos de banalidade. Como pintor que era, porque Santa-Rita foi um Pintor, grasnem as rãs o que quizerem, nunca em redor dele viu pessoas. Tudo eram «coisas», melhores ou peores, inteligentes ou não, coloridas ou deslavadas.

Santa Rita Pintor

Moldava a sua arte sobre estas «coisas», mas os motivos vinham-lhe do fundo da alma, que nele foi a propria tragedia com repelões de gargalhadas e paroxismos, com unhas a arranhar vidraças e gemidos ocultos em noites tenebrosas de via-sacra. O seu espirito pairava «au dessus» de tudo, e tanto lhe servia de tela um literato como um garoto de jornais, uma menina da alta como um barbeiro. Santa-Rita não brincava com este ou com aquele. Quem ria tão pouco, não podia brincar. Ele servia-se de A ou B, como se serviria dum cavalete ou dum caixilho. Era o apoio para uma obra de dôr, o ambiente para o seu quadro.

Quiz alugar os «Jeronimos» para pintar uma grande tela, e serviu-se muitas vezes dum simples envelope para gravar um pedaço da sua tortura.

Santa-Rita não foi o «blagueur» que se presume, e muito menos o impotente que os eunucos de café afirmam por ahi. Santa-Rita deixou as telas em branco para que os caligrafos da arte as floreassem com a sua fraqueza habilidosa. Mas a vida do pintor, do «louco», do extranho, foi todo o seu genio de colorista e filosofo, entalhado ás goivadas fundas, esteriotipado a pinceladas sanguinolentas e nervosas, vincado e revincado em todos nós que o conhecemos, como se fôra um latego de cilicio dado por um pulso de gigante.

E, magro, esguio, curvado sobre si, arrepelando as mangas da quinzena negra de padre protestante, para troçar os atletas dizendo não ter musculos, Santa-Rita Pintor parecia um debil, uma haste adelgaçada de uma flôr exotica, de luto, como só um simbolista pintaria. A sua obra foi ele proprio. Criou o seu «De Profundis»; sofreu-o, viveu-o intensamente, e antes que o calix da amargura, o da ofensa suprema chegasse, o caleche de s. ex.ª o arranjismo, que ao passar, lhe salpicasse com lama a sua figura escovada, abandonou Lisboa e os orfistas, escarnecendo de todos e da sciencia, perguntando ao medico, já na agonia, se «a sua grave doença não seriam fobres de Africa»...

Santa-Rita morreu como viveu; construindo-se.

Neste momento, todo respeito e saudade, recordo-lhe as palavras, que certa noite, junto da igreja da Encarnação, ele me declamou, porque ele convencia declamando, a proposito não sei de que intriga:—«Eu não brinco com ninguem. E' que eu gosto de construir a minha obra, como as crianças os seus bonecos:—falando e sorrindo-me para ela, só para lhe emprestar beleza e a animar!»

E que bela e que inteligente é toda a sua obra!

—«Aqueles cristais multicôres que se estilhaçam uma noite, em Montmartre, só porque um olhar magnetico os tocou;

—«Os coletes electricos do doutor russo, que acalmavam a mais tenebrosa procela dos nervos escangalhados, no mais leve contacto com epiderme dos hiperestericos;

—«A sua fuga, em criança, com os ciganos de Montemor, indo ser salvo no Mondego pelo poeta caridoso;

—«O repto aos paineis picassianos, sem violas nem cachimbos, mas plenos de intenções dinamicas e scientificas;

—«Os eschemas radiograficos, ousados e revolucionarios, que dariam com os sabios em Rilhafoles e com os plasticos em charadistas;

—«O seu «Orpheu», mais amplo e mais complexo que todo o Museu Wierts e toda a obra de Groux ou de James Ensor; tudo, tudo. . a sua «divina comedia», que resultou em diabolica tragedia, com crises de raiva, espasmos de neurastenico, golfadas de sarcasmo; bondade e covardia, genio e loucura, beleza e tortura.

Santa-Rita não foi um doente, como se julga, de exotismo; foi uma hiper-sensibilidade, forte, consciente e corajosa, ao serviço de um esqueleto fim-de-raça. Todo ele foi um mundo, apurado nos defeitos e nas qualidades, com trevas e sol, mecanismos e doença. Foi um tratado de sciencia e arte, que ele só, sempre só, escreveu, mas que nunca o quiz ler, para não cair na imperfeição humana de o emendar. Só ao morrer, os olhos quasi no «au-delas», é que tentou fazê-lo. Faltava-lhe o tempo como lhe sobrou o genio, e então apenas poude fazer a emenda geral, que foi riscar uma cruz em cada pagina, de alto a baixo, e escrever no frontespicio o titulo da sua obra:—«Errata».

* * *

Só hoje compreendo, aqui sentado neste canto de café, em Montparnasse, onde ele tantas vezes se sentava, o seu gesto escultorico de apalpar as proprias faces, premir as orbitas e apertar os temporais; é que procurava a certeza, atravez dos seus dedos aristocraticos de mumia imperial, na sua propria caveira. Como Antero, duvidou um segundo, e fugiu a corrigir o Nirvana...

Paris.

Diogo de Macedo

LER ÁMANHÃ:
Crónica literaria de
Antonio Ferro

N.º 7 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 21-4-921

A' BUSCA DA BOA SORTE

Novela por Aquilino Ribeiro

V

Andaste mal inspirado em recusar esses altos potenciais para o compadrio. Deus não é mau, nas suas horas, e o Diabo não é peor. A este podias aceitar-lhe a protecção e, uma vez farto, mandá-lo á tabua como S. Gil, S. Cipriano, e tantos outros iguais no zelo e na santidade. Se estivesses mais novo, podia, sim, ensinar-te algumas letras e varias tretas, mediante as quais te seria azado trepar a ministro e grande cidadão da Republica. Assim só te aconselho, a menos que não prefiras deitar-te ao pégo com a mulher e os filhos, a aguentar a vida de cara direita. E, sobretudo, não te esqueças do que sômos: um sonho ligeiro flutuando sobre a espuma fatua da irrealidade.

Partiu dali o moleiro descoroçoado, e já ia de face voltada para o moinho, quando num atalho pedregoso se viu alcançar por uma mulher que corria veloz como o vento. Vinha embrulhada dos pés á cabeça numa serguilha ruça, roçagante, e trazia ás costas uma gadanha do fêno. Bem lhe espreitou o moleiro para dentro do biôco, mas mais não lobrigou que uma dentuça alva e arreganhada, destas que parecem estar sempre aferradas para morder. «Benza-te o Démo — pensou ele em seu fôro — que colmilhos não te faltam para rilhar a codea. Se vais de ventas a um penedo, racha-lo mais certo que se fôsse a guilho e a marreta.

—Deus a salve, mulhersinha — disse-lhe afinal de bom aspeito.—Vai com uma pressa que parece mesmo uma galga a correr.

—Deus te salve. Vou, vou com pressa, levo os minutos contados.

—Se segue nesta endireitura, vamos ambos de companhia. Tambem não sou pêco a andar...

—Rompe para a frente.

Puzeram-se ambos ombro a ombro e o moleiro perguntou:

—Para que é a gadanha? Bom traste me parece, mas não é a rasão de a empregar.

—Enganas-te, para mim nunca acaba o tempo das ceifas. Está sempre grada a minha segáda.

—Não me custa a crêr—respondeu ele.—Ha terras, gordas como enxudia de galinha, onde tudo pega que é um louvar; outras, nem regadas a sangue dão pão. E' daqui perto, santinha?

—Sou daqui e de toda a parte. Sou de onde estou.

O moleiro riu da chalaça e, ao desenfado, se pôs a contar-lhe a louca scisma que o trabalhava.

—Pois é verdade—acabou de referir, desabafando — fartei-me de errar por esses mundos além, á cata dum compadre que me safasse da cepa torta. Palpei muitas criaturas; talhada para a precisão e cá á feição do Zé, não descobri nenhuma. Saíu-me o Démo a terreiro com pés de lã; cruzes, canhoto, a minha alma não se vende! Deus tambem esteve a armar-me com mósinhas de bem querer; mas, pelo tomo que lhe conheço e pela Historia dos Judeus, nem é justo, nem constante. A's duas por tres fazia de mim outro Job, ou despejava cantaros de enxofre inflamado sobre o moinho do Gurgulhão. Ná! A falar sincero, a minha empresa era vã; igual para todos, seja ele rei ou vilão, dorida com os fracos, duma só peça, debaixo da rosa do sol que nos alumia, só a *Morte*. Que é ruim, que é negra, descaroavel, traiçoeira?! E' equitativa e basta-me. Essa sim, essa ainda eu levava á pia benta a tocar-me o meu menino; caçasse-a eu! A esta altura, o anjinho é nado ou está a nascer. Aldemenos, boa mulher, já que segue neste rumo, venha-me ser a madrinha. Sempre ha de haver na arca uma tijela de papas para o almoço.

Ela descobriu pela primeira vez uma cara cheia de gêlhas e olheirenta, e á luz de um sorriso branco que metia medo, respondeu:

—Falas a sério ou é chacota?

O moleiro ficou perplexo, repêso do que proferira, mas, acudindo-lhe que era pecado brincar com coisas tão santas e que, demais, á face do Senhor, mesmo um verme da lama é testemunha capaz, persistiu em tomá-la por comadre, para o que a instou com muitos rogos e não menos queixumes da sua pouca sorte.

—Está dito—declarou a velha—vou ser a madrinha. Não levo enxoval, mas descansa que nunca folar de maior valia deu princesa a um afilhado.

—Folar de valia!... Ainda parece mais pobre que eu...

—Sou rica... muito rica. Todas as riquezas me vêm parar ás mãos.

—Onde as tem?

—Guardadas em muita parte. Nos cofres dos banqueiros e nos tesouros dos Estados, ao pescoço das fidalgas e no bolso da romeirinha. E' eu chegar e largam-nas logo.

(Continúa).

Diario de Lisbôa

A C

CHÁ DAS CINCO

O Chapelinho Encarnado

Em certa paragem da rua do Oiro, papel de seda ao vento, meias de seda negra, Meia-mulher, o Chapelinho Encarnado, espera, como todos os dias, o seu carro, o carro para á Estrela... Costureira um certa modista, ela vem, como sempre, do carro de linhas para o carro electrico...

Encostado ao candieiro da paragem o Lobo—um lobo de sobretudo—prepara-se para formar o salto sobre o Chapelinho Encarnado, desprendido, ingenuo, chapelinho encarnado sem pregos a segurá-lo...

O lobo, lobishomem, olha-a, fita-a, de olhos aguçados, maus... Ela finge-se indiferente, interessa-se pelas vitrines, conta os frascos de perfumes, é ela propria um perfume em busca do seu frasco... O lobo—sobretudo, não desiste, porêm... Despe-a, põe-se a medi-la com o olhar, a medir-lhe o possivel vestido que lhe ha-de mandar fazer, a ela, ao Chapelinho Encarnado—a costureira que faz os ves-

tidos, mas a quem ninguem fez um vestido ainda... O Chapelinho Encarnado é só isso, é só um chapelinho sobre uns vagos cabelos... Ninguem lhe faz vestidos, os vestidos é que a fazem a ela...

Chegou o carro, emfim. O Chapelinho Encarnado arruma-se, encosta-se, pendura-se como pode ao hombro do visinho—o primeiro cabide que lhe aparece...

E quem é ele, santo Deus? E' o Lobo, o Sobretudo—lobo, que a mira, que a remira, que lhe abre os olhos, os seus olhos ferozes, de pupilas cortantes—como dentes.

O Chapelinho Encarnado bem se quer defender... Quem lhe dera a ela tornar-se tão pequenina que coubesse toda, como uma fita, na copa do chapeu. O Chapelinho Encarnado vive toda no chapeu, vive toda no alto da cabeça—vive numa agua furtada... Como não tem nada para se entreter, o Chapelinho entretem-se a olhar as mãos do lobishomem, mãos enjoiadas, mãos grosseiras, gretadas, mal calçadas de pele, a lembrarem ruas—mas ruas do Oiro, em todo o caso...

O Chapelinho Encarnado olha os seus dedos nus, os seus dedos inuteis—pregadeiras de agulhas... Levanta os olhos, a medo, para o lobo que a espreita... Quer fugir ainda, lembra-se, numa balburdia de recordações, dum retrato da mãe que tem em casa, um retrato que é o seu catecismo, do noivo que anda por terras de Africa a fazer o pé de meia—um pé de meia para as suas meias—até se lembra do canario, o seu lindo canario, a rir amarelo, toda a semana na tristeza da sua agua-furtada... Foi um momento, porem. Quando o carro chegou á Estrela, o Chapelinho Encarnado já não existia, pobre quico esfarrapado por certas garras ferozes.

Já não era um Chapelinho Encarnado—era uma poça de sangue...

Antonio Ferro

O novo reitor da Universidade de Coimbra

Pelo ministerio da Instrução vai ser publicado um decreto, nomeando o sr. dr. Oliveira Guimarães reitor da Universidade de Coimbra.

O ACORDAR DAS PROVINCIAS

O que se vai fazer no proximo Congresso Beirão

O "Diario de Lisboa"—no seu grande interesse por tudo que diz respeito á vida nacional — ouve, ácerca do Congresso Beirão, o ilustre escritor sr. Aquilino Ribeiro

Devendo realizar-se em Viseu—a antiga e nobre cidade de Viriato—no proximo mês de Junho, o Congresso Beirão, O «Diario de Lisboa» crente de que para o levantamento do país muito deve contribuir o esforço das provincias, e no seu grande interesse por tudo que diz respeito á vida nacional, com o fim de colher impressões sobre o mesmo Congresso e sobre os problemas que nele se ventilarão, resolveu ouvir o romancista vigoroso da «Via Sinuosa» que tem acompanhado o serviço das comissões organizadoras, e que ao congresso está ligado, como beirão que é, com o entusiasmo e o amôr que as coisas da Beira lhe merecem.

Apanhado de surpresa no seu gabinete da Biblioteca, Aquilino Ribeiro, que manuseava um inconabulo com uma paciencia de beneditino, á nossa declaração de que o desejavamos ouvir sobre o congresso beirão, respondeu-nos que da melhor vontade, mas que, com certeza, pouco mais saberia do que nós.

—Mas nós nada sabemos e é para sabermos alguma coisa que aqui vimos...

A esta objecção, Aquilino Ribeiro sorriu e com a sua habitual bonhomia e particular ávontade, permitiu-nos que abrissemos então, ás escancaras, a nossa curiosidade.

O Congresso beirão obedecerá ao pensamento da antiga Beira, tal como geograficamente e etnicamente era conhecida

—Primeiramente desejavamos saber qual a extensão territorial das regiões representadas no Congresso...

—O Congresso abrangerá os cinco distritos: Viseu, Aveiro, Guarda, Coimbra e Castelo Branco, obedecendo ao pensamento da antiga Beira, tal como geograficamente e etnicamente era conhecida.

—Mas não haverá inconveniente em ventilar num só congresso os interesses de tantos distritos?

—Sim; nesta grande extensão, alguns vêem o defeito original do Congresso. Distritos há que parecem desinteressar-se, como Castelo Branco, e talvez, um pouco, Coimbra. Restringindo o Congresso aos distritos de Viseu e Aveiro, talvez os fins preconizados e a propria realização do Congresso fossem mais facilmente atingiveis. Perde, pela sua grande irradiação.

—O que seria talvez conveniente era que cada uma das Beiras realizasse o seu Congresso.

—Em principio, com efeito, devia ser assim. O Congresso da Beira Alta, o da Beira Baixa e o da Beira litoral... Cada uma delas é tão diferente...

E Aquilino Ribeiro, num grande entusiasmo evocativo, dá-nos, com brilho, as diferenças caracteristicas de cada uma das Beiras.

—A Beira Alta, garrida em porte, cheia de rosmanos e giestas, grave e barbara nas *Terras do Douro*, suave e idilica nos vales...

A Beira Baixa, rude, agreste, pedregosa. A Beira litoral, cheia de amenidade, melancolica para os melancolicos, alegre para os alegres, oferece todas as nuances do sentimento!

O levantamento das Beiras — Meios de o realizar—Fins do Congresso

—Qual o fim capital do Congresso?

—O fim capital do Congresso é o levantamento das Beiras. Como conseguir esse levantamento? Fazendo apenas um sumario das necessidades locais? Não bastará. Será necessario que os beirões contem mais comsigo do que com o apoio util do poder central. Para tanto seria preciso criar uma legislação propria, privativa das Beiras. Muito e muito se pode obter da iniciativa particular, sem grande esforço nem dispendio. As faculdades que os municipios possuem podem suprir em casos que digam respeito á vida local. As posturas municipais são uma arma inteligente em mãos inteligentes. Elas podem prescrever a arborização das estradas e dos baldios; editar regulamentos sobre a sanidade publica e vigilar pelo seu cumprimento; podem estabelecer regras sobre a construção de predios e moradias, fomentar a riqueza local, aproveitando quedas de agua, protegendo determinadas artes e concedendo faculdades especiais ás companhias ou sociedades que se formem.

O que há a fazer na Beira

Os ultimos tempos teem sido tão destruidores que arruinaram o que de bom havia.

Há inumeros conventos que podem ser aproveitados. *A Casa dos Jesuitas* na Lapa dava um optimo sanatorio. E as industrias locais, como por exemplo, a dos oleiros de *Moleios* e de *Vale de Ladrões*, a das colchas de Barrelos, a dos tapetes de S. Salvador e dos cestos de Val de Moinhos, deviam merecer dos municipios e do interesse particular especiais atenções que muito as desenvolveriam.

E nesta altura Aquilido Ribeiro pára consultando o relogio. Cinco e meia! Eram horas de tomar o comboio no Cais do Sodré e partir para Oeiras. E pondo á pressa o chapeu e atafulhando a pasta, Aquilino Ribeiro deixa-nos ainda o interesse que pelo Congresso tem tomado o deputado Bartolomeu Severino, a quem a Beira, pelo que do Congresso poderá resultar, muito ficarão devendo.

Pontos nos i i...

O outro dia, numa carta em verso que foi uma chicara de chá... das cinco, empreguei uma expressão de que, depois de a ver *em letra redonda*, me arrependi! Não que ela envolvesse desprimor ou agravo para ninguem; mas podia parecer vagamente desdenhosa, quando o desdem andava longe, longe, da minha maneira de sentir.

Era essa expressão:

«O cançaço fatal de um cidadão de Tuy».

Ha em Lisboa um sem-numero de subditos espanhois a quem ela poderia parecer desagradavel, e é isso o que eu quero a todo o custo evitar.

Tenho pela Espanha, pela arte e pela alma espanhola a mais veemente admiração, e mais particularmente pela Galiza, onde a lingua tem, por vezes um sabor português e onde as almas são tão parecidas com as almas de Portugal!

Como não amar a Galiza quem em versos inegualaveis de Rosalia Castro, quem na doçura infinita da sua musica deixou que o pensamento, amorosamente embalado, subisse montados e colinas verdejantes se deleitasse com o murmurio fresco das fontes, e num recanto do caminho ouvisse vozes de raparigas a falar de amor!

Nos versos de Rosalia Castro palpitam todas as virtudes ancestrais de um povo encantador, e nós, nós portugueses, sentimos que naquelas frases expontaneas, viçosas, alegres, perfumadas como um mangerico perpetuamente em flor, qualquer coisa palpita e vibra que é tambem nossa, que reflecte a luz de um sol igual ao nosso.

Galliza! Portugal! Duas encostas de vinhedo que a divisão politica separa, mas que unem indissoluvelmente, num abraço azul, as curvas enlaçadas dos horizontes!

Por isso eu venho martelando no peito um «mea culpa», desfazer a má impressão que, pelo menos, em mim proprio, deixou aquela frase... cidadão de Tuy é uma expressão que quer dizer trabalho, luta tenaz pela vida; caiu no ouvido do vulgo e popularizou-se.

Hoje em dia, cidadãos de Tuy são todos os que lutam afincadamente, todos os que se entregam a um esforço bem intencionado. Cidadão de Tuy... Sou eu.

T. R. C.

Subsidios de embarque a oficiais da armada

O sr. ministro da Marinha vai apresentar ao parlamento uma proposta de lei alterando o subsidio de embarque aos oficiais da armada.

Notas Mundanas

A caridade

«Florinhas da rua»

E' finalmente sabado, 7 e domingo 8 de maio que no vasto Jardim da Estrela se realizam á tarde as festas que uma ilustre missão de senhoras da nossa aristocracia leva a efeito a favor do cofre da benemerita «Associação das Florinhas da rua», as quais constarão de quermesse, havendo tambem um pequeno teatro onde se exibirão varias danças e córos regionais, por distintos amadores pertencentes á nossa primeira sociedade. Por todos os motivos as tardes de sabado 7 e domingo 8 de maio no Jardim da Estrela vão ficar para sempre gravadas a letras de ouro nos anais mundanos.

A opereta «Ninguem diga...»

Amanhã sexta feira realiza-se no teatro de S. Luís o primeiro ensaio da parte de declamação da engraçada opereta «Ninguem diga...» original de Chagas Roquete e Acacio de Paiva, com musica do maestro Calderon, havendo tambem no «foyer» ensaio dos córos. A ilustre comissão organizadora pede a todas as pessoas que tomam parte tanto ás que desempenham as primeiras partes como ás que tomam parte nos córos que não faltem. O ensaio está marcado para as 17 horas.

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.^{as}:

D. Alzira Ramalho Pinto da Fonseca, D. Maria de Avelar da Cunha e Silva e D. Paulina Pereira de Morais Campelo.

E os srs.:

Comendador Jorge A. de Almeida Lima, dr. José Teixeira de Queiroz Vaz Guedes, José Osorio da Rocha e Melo, Nuno Cesar de Castro Rio de Mendonça Furtado de Menezes e o brilhante pianista José Viana da Mota.

Bodas de Prata

Decorreu brilhantemente a «soirée» com que os ilustres srs. condes de Vinhó e Almedina, celebraram ontem as suas bodas de prata, vinte cinco anos de casados. Durante a noite, alem de animada conversação as sr.^{as} D. Maria Magdalena de Trigueiros Martel Patricio e Condessa de Vinhó e Almedina, recitaram um lindissimo dialogo da autoria da primeira, dedicado á data que se festejava, dançando com verdadeira animação até pêrto das cinco horas da madrugada.

A sr.^{a} Condessa de Vinhó e Almedina recebeu de Sua Santidade o Papa Bento XV a honrosa merce de uma medalha da ordem de «Pro ecclesia et pontifice» com que o Chefe Supremo da Igreja Catolica costuma galardoar todas as senhoras que pelas suas obras se tornam dignas de tal merce. Pela uma hora foi servida na sala de jantar uma finissima ceia.

Na assistencia recordamos ter visto as sr.^{as}:

Marquesa de Castelo Melhor e filhas, condessas de Arnoso (D. Matilde) e filha, de Almedina, de Sampaio, de Caria e filha, de S. Lourenço e da Povoa; Baronesa de S. George de Kantzow, D. Alic. Munró dos Anjos, D. Maria de Azeredo Manuel de Vilhena, D. Emilia Caldeira de Bourbon Ferreira Pinto Basto, D. Catarina de Sousa Coutinho (Linhares), D. Maria José de Vilhena de Magalhães Coutinho e filhas, D. Beatriz Anjos Ribeiro Ferreira, D. Fanny Munró, D. Branca de Atouguia Ferreira Pinto Basto, D. Maria Ignacia de Malheiro de Vilhena (Mogadouro), D. Sara da Mota Vieira Marques, D. Maria Magdalena de Trigueiros Martel Patricio, D. Sofia Gavicho, D. Leonor Anjos Joice Diniz e filhas, D. Octavia Guedes Cau da Costa, D. Maria Guedes de Almeida Coutinho e filha, D. Alda Guedes Pinto Machado, D. Maria Guedes de Lemos, D. Maria da Madre de Deus de Vasconcelos Seabra de Lacerda e filha, D. Alice Guedes Heredia e filha, D. Emilia Pinheiro Ferreira Pinto Basto e filhas, D. Alice Ferreira Pinto, D. Sofia Pinheiro Gorjão Henriques e filha, D. Helena de Almada e Lencastre (Soto d'El-Rei), D. Maria da Luz de Caldeira Pina Machado e filha, D. Mera Ferreira Pinto de Castelo Branco Ribeiro da Cunha, D. Virginia de Abreu Caroca, D. Isabel O'Neill, D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Ribeiro da Silva, D. Margarida de Azevedo Corcino Caldeira e filha, D. Beatriz de Sousa e Vasconcelos Calvet de Magalhães e filha, D. Maria Emilia Homem Machado Mendes de Almeida, D. Irene Patricio Balsemão Ferreira Marques, D. Maria Simões Anjos, D. Isabel Sherley, D. Laura Rangel de Lima da Silva Teles, D. Piedade de Vasconcelos (S. Tomé), D. Maria Manuela Caldeira de Pina Machado, D. Maria Guilhermina e D. Alice Anjos, D. Maria Francisca e D. Manuela de Castro (Nova Goa), D. Maria Francisca de Sampaio de Melo e Castro, D. Maria Francisca e D. Maria do Carmo de Melo Sá Vilar, etc.

Os ilustres titulares foram de uma cativante amabilidade para com todos os seus numerosos convidados que se retiraram gratissimos com os deliciosos momentos que lhes proporcionaram.

Em viagem

Com sua esposa a sr.^{a} D. Berta Mauperrin de Castelbranco e sua gentil sobrinha D. Margarida de Castelbranco Ferreira Pinto Basto, regressou da Beira Baixa, o sr. José Basilio de Castelbranco.

—Vindo dos Açores, encontra-se em Lisboa o sr. Diogo Bruges, filho dos srs. Condes da Praia da Victoria.

Doentes

Encontra-se um pouco incomodado de saude a sr.^{a} D. Maria do Loreto de Borja Trindade.

—O sr. conselheiro José de Azeredo Castelo Branco, foi ontem vitima de um desastre, quando descia uma escada, sendo contudo o seu estado muito satisfatorio. Fazemos sinceros votos pelo seu pronto restabelecimento.

—Tem passado muito incomodado de saude o sr. Manuel José Mendes, pai do nosso antigo colega na imprensa Carlos Mendes.

Conferencia sobre assuntos escolares

Com o sr. ministro da Instrução conferenciou hoje sobre assuntos escolares o reitor e alguns professores do liceu de Camões.

Com o mesmo ministro conferenciou tambem o director da Escola Primaria Superior Adolfo Coelho.

LITERATURA A PESO

Alguns dos livros de S. Vicente de Fóra já estão reduzidos a pasta

Uma visita ao alfarrabista da rua 24 de Julho—Quem é o sr. Jorge?—O cubiculo soturno—Para onde vão e como são tratados os manuscritos da Biblioteca de S. Vicente—Uma carta do sr. dr. Jaime Cortezão

Continuamos hoje a nossa reportagem sobre o caso dos livros de S. Vicente, vendidos a peso á firma *Rodrigues & C.ª*. O sr. Mesquita de Figueiredo animara-nos ontem para que fossemos á rua 24 de Julho, ao tal deposito de papel, indagar se determinados manuscritos que ele apartara de uma vez que ali tinha estado, ainda lá se encontravam.

O deposito fica situado num desvão da rua escondido e quem passa dificilmente o apercéberá, porque existem pelo menos tres lojas de aspecto semelhante e com o mesmo numero.

O aspecto da casa é vulgar, com as suas paredes pintadas de branco; o tecto de madeira de traves descarnadas; o fundo com um tabique tambem pintado a branco, onde uma janelita deixa entrever um compartimento afogado em sombra. O jornalista entrou despreocupadamente, com um certo ar de ignorancia, e logo reparou que poucos livros existiam já. Em pilha, desageitadamente, elevam-se alguns junto de uma parede; outros encolhidos, cobertos de poeira, estavam perto do balcão, entre uma balança decimal e um saco replecto de papeis, que duas mulheres tinham acabado de pesar.

Dissemos ao que vinhamos:—saber de uns livros—sim!—uns livros de capa de papel que o sr. Mesquita apartou ha dias.

—Foram já para a *fabrica*, a esta hora devem estar reduzidos a pasta—esclareceu a mais nova.

—O sr. Jorge — aduziu a outra — mandou-os todos lá para a fabrica, foram no mesmo dia.

—Mas olhe que valiam bom dinheiro, informámos nós para lhe despertar o interesse. Esse sr. Jorge, de que fala, disse ao sr. Mesquita que os ia avaliar e que depois faziam negocio...

—Então procure o sr. Jorge, fez a mais velha.

—Aonde?

—No escritorio, na rua...

Um homem entrou, a mulher calou-se e o jornalista distraidamente começou a ver os livros que por ali estavam.

—Escusa de mexer, aqui não se vendem livros!

Era o homem que entrara que nos prevenia. Decididamente estavamos incorrendo no seu desagrado.

—Vinha por causa de uns livros do sr. Mesquita, dissemos-lhe.

—Já aqui não estão, foram para a «fabrica».

Então de uma escadinha que estava ao fundo e na qual nós, ainda não tinhamos reparado, começou descendo vagarosamente um homem sobrecarregado de livros. Não tinham capas, eram volumosos, grandes: são os livros da Biblioteca de S. Vicente, pensámos.

O homem desceu, arrastou-se um pouco, chegou-se a um caixote e depôs os livros. Estavam sob a nossa incidencia visual, ao alcance da nossa mão.

Remexêmos, vi-mos: eram os livros de S. Vicente!

Um pareceu-nos uma cronica dos feitos de D. Sebastião; outro referia-se ao convento de S. Domingos; outro ainda, escrito em latim barbaro, referia-se a qualquer santo, cujo nome não nos ocorre agora. No frontespicio de cada um deles a mesma assinatura, miudinha, quasi que desenhada, do «Patriarca Saldanha».

Compreendemos tudo. A nossa reportagem alvoroçou o dono do deposito, ele defendia-se, acautelava-se. Nem todos os livros tinham ido parar á caldeira da fabrica, nem todos os livros estavam reduzidos a pasta: havia ainda alguns—quantos?—mas esses estavam sonegados no fundo da loja, no cubiculo misterioso. Ahi sofriam a operação dos barbaros: capas arrancadas, folhas marfalhadas e depois, depois, eram ensacadas e conduzidas para a fabrica longiqua.

—Eu já lhe disse que não vendo livros.

Era o homem que irritadamente nos queria pôr ao largo, cessar a investigação a que procediamos febrilmente.

—Quanto custa este livro?

—Eu não vendo. E' a terceira vez que lhe digo.

—Mas este, este, não o compromete—dissemos nós. E' moderno escrito em francês; não pertence á Biblioteca de S. Vicente.

O livro passou para as mãos do homemzinho e daí para a balança decimal. A pesagem acusou 1 kilo; o nosso interlocutor pediu-nos um escudo e cincoenta centavos. Desistimos da compra.

Sabiamos, no entanto, a quanto é que se vendiam agora os livros de S. Vicente de Fora: 1$50.

As mulheres continuavam ensacando os volumes que o tal homem trazia do cubiculo misterioso. As sacas cosidas com guita eram conduzidas para uma carroça e essa carroça, sem duvida, dirigia-se á fabrica longiqua.

Não quizemos o livro, dissemos ao homem que era caro. Ele encolheu os ombros com rancor; agarrou-o, amachucou-o e rasgou-o violentamente.

—Eu não vendo livros já disse! Tudo para a pasta! Tudo para a pasta!—gritou-nos o homem encolerisado.

Saímos. A livraria de S. Vicente desaparecia assim. A'quela hora na fabrica longiqua as chaminés borbulhavam vapor: os livros de S. Vicente de Fora, do bom Patriarca Saldanha, desapareciam para sempre desfeitos em pasta. Ainda existiam alguns naquele cubiculo misterioso, recatado, mas esses iam seguir o caminho dos outros, iam desaparecer tambem para todo o sempre.

Uma carta do sr. Jaime Cortezão

Sr. director e meu amigo.—Como o *Diario de Lisboa* volta ao assunto da venda de livros da Biblioteca de S. Vicente de Fora, continuando a envolver o meu nome e o da Biblioteca Nacional nesta questão, tenho a declarar que não *pareço* afirmar, como se diz na local, que «os livros de S. Vicente vieram para a Biblioteca e nunca de lá saíram». O que disse e continuo a afirmar é que *livros*, livros e não *os livros* de S. Vicente, entraram na Biblioteca Nacional, por determinação do sr. inspector dr. Julio Dantas, e que deles nem um só foi vendido ou de qualquer forma alimentado. Desafio o informador do *Diario de Lisboa*, que parece estar tão ao par desta questão, a que prove o contrario. Se alguns livros de S. Vicente de Fora, daqueles que não deram entrada na Biblioteca Nacional (quando se fala da Biblioteca de S. Francisco seria conveniente dizer sempre Nacional, e não simplesmente a Biblioteca, por tal expressão se prestar a jogos de palavras), se algum dêsses livros que não entraram na Biblioteca Nacional foram vendidos a quaisquer individuos, ignoramo-lo, nem nos cabe esclarecer o assunto. A Biblioteca Nacional tem tanto que ver com a de S. Vicente como a do Vaticano. Dar esclarecimentos que só cabem ás autoridades que nesse estabelecimento superintendem, seria meter a foice em seara alheia, sem vantagem alguma e até com quebra de disciplina.

Pela publicação desta carta se confessa muito grato e vosso muito amigo—*Jaime Cortezão*.

Folgamos com a nova carta do sr. dr. Jaime Cortezão. Ela vem esclarecer, com toda a precisão, o equivoco que porventura podesse nascer duma leitura rapida da primeira carta de s. ex.ª sobre o assunto, duma concisão quasi laconica.

Efectivamente, *livros* não são *todos os livros* de S. Vicente.

Assim, ficam as coisas no seu logar.

A primeira carta que o sr. dr. Jaime Cortezão nos enviou espontaneamente estava absolutamente de concordo com as nossas informações.

Simplesmente o leitor menos advertido podia interpretal-a levianamente num sentido contrario á verdade dos factos.

Assim está certo.

Nós nunca quizemos dizer que os livros vendidos a peso tivessem saído da Biblioteca Publica.

Na nossa local de 15, perguntavamos qual seria o director da Biblioteca que auctorizara a venda dos livros de S. Vicente a peso, não diziamos que esses livros de lá tinham saido, mas que lá deviam ter entrado—os de valor pelo menos.

Se essa incorporação devia ter sido ordenada pelo inspector das Bibliotecas ou pelo director da Biblioteca Publica de Lisboa, isso ignoravamo-lo — mas por isso mesmo nunca afirmamos uma coisa ou outra.

Uma participação á policia

Sabemos que o sr. dr. Julio Dantas, ilustre inspector das Bibliotecas e Arquivos, requereu já o concurso da policia para averiguar da venda de livros do Arquivo de S. Vicente de Fóra, assunto que tem sido ventilado largamente neste jornal.

Um funcionario da Biblioteca Nacional foi encarregado de acompanhar o inquerito policial e orienta-lo como melhor entender.

MÁ-LINGUA

LEVIANA

por Antonio Ferro

Esta manhã levanteime e, completamente nua, fui para o espelho. Sabes? Tive a impressão que tomei banho...

Leviana

Tudo o que fôr nesta obra leviandade,
morbidez, garridice, nervosismo,
vai agradar, decerto, ao histerismo
que hoje em tudo triunfa e tudo invade.

O Ferro tem bastante habilidade
e explora com talento o simbolismo,
—que é... um destrambelhado catecismo
para uso da hodierna mocidade... —

Em certos pormenores, exagera;
e põe-me os nervos como os de uma fera,
sinto espasmos de raiva e de agonia!

Por desprezar todo o processo velho,
em vez de agua e sabão usar um espelho,
já não é leviandade; é porcaria.

TAÇO

Sobre aumento de subvenções

A comissão delegada dos funcionarios do ministerio das Finanças, conferenciou hoje com o respectivo ministro, insistindo pelo aumento das subvenções.

O restabelecimento do comercio livre

O que deseja a Federação Nacional das Cooperativas

Tendo apreciado as consequencias que advirão do restabelecimento do comercio livre, a Federação Nacional das Cooperativas resolveu solicitar que seja feito o tabelamento dos generos alimenticios, de harmonia com os minimos preços porque podem ser vendidos com lucro para os negociantes.

Serviria essa tabela para evitar que eles exorbitassem, tornando-os ao mesmo tempo os unicos responsaveis por futuros exageros, visto que o consumidor ficaria assim sabendo a quem exigir responsabilidades.

Tenente Martins

A viuva dêste oficial, assassinado em Monsanto, pede aumento de pensão

A viuva do tenente Martins, da guarda republicana, que foi assassinado por ocasião do movimento do Monsanto, procurou o sr. presidente do ministerio, acompanhada de seus filhos, a fim de pedir que a sua pensão seja elevada á quantia de soldo que competia á patente de seu esposo, visto encontrar-se em precarias circunstancias.

Parlamento pelo telefone

A discussão dos orçamentos e das propostas de finanças

Os trabalhos legislativos devem ser prorogados para além de junho, devido a ter sido regeitada a proposta para a marcação de sessões noturnas

Razão tinhamos quando ha dias afirmámos que não seria muito facilmente votada a proposta do sr. Antonio Mantas para se marcarem sessões nocturnas destinadas á discussão dos orçamentos e das propostas de finanças. Como ontem se verificou, até mesmo foram rejeitadas, por grande maioria, a urgencia e a dispensa do regimento para o assunto.

De modo que, tendo-se confirmado essa previsão, aqui fica outra: os trabalhos legislativos serão outra vez prorogados para alem de Junho, o que tanto faz dizer que teremos sessões até ás caniculas, ou perto delas.

A interpelação do sr. Augusto Dias da Silva sobre o caso dos Bairros Sociais

Não havendo algum inconveniente de maior, efectuar-se-ha hoje a muito anunciada e assás reclamada interpelação ao sr. ministro do Trabalho sobre os Bairros Sociais. O sr. Augusto Dias da Silva, inscrito ha dias para romper com o assunto, compareceu na Camara mais cedo do que tem por costume. Nas galerias nota-se grande numero de correligionarios e amigos do interpelante, vendo-se entre eles alguns dos individuos que tendo sido presos em virtude d'esse caso, aproveitaram da amnistia.

As doze notas de interpelação ao ministro dos estrangeiros

Dissémos ontem que na mesa da Camara dos Deputados se encontram doze notas de interpelação ao sr. ministro dos Negocios Estrangeiros. Podemos acrescentar que na presidencia do Senado estão tambem algumas, sem que a qualquer das primeiras ou das outras, o sr. Domingos Pereira se tenha declarado apto para responder.

Uma vaga para o conselho colonial

Em ordem do dia, se o caso dos Bairros dér tempo para isso, será eleito um vogal para o conselho colonial, eleição essa que vai ser disputada pelo reconstituinte sr. Ferreira Diniz e pelo independente sr. Mesquita de Carvalho. Este ultimo conta com os votos dos liberais.

As obras do Rocio e a conferencia internacional parlamentar

O director geral do Congresso da Republica, sr. Melo Barreto, tem instado nos ultimos dias junto da Camara Municipal de Lisboa para que as obras do Rocio estejam concluidas antes da Conferencia Internacional Parlamentar do Comercio que, como se sabe, está marcada para 24, 25, 26 e 27 de Maio.

No Senado

E' rejeitado, como previamos, a lei n.º 415

Como dissemos ontem, a lei 415 que tendia a realizar um emprestimo para as obras relativas á mudança e nova instalação do Arsenal da Marinha, foi regeitada por grande maioria, tendo sido aprovada a proposta da autoria do sr. Constancio de Oliveira, que é concebida nos seguintes termos:

«Proponho que a proposta de lei n.º 415, em discussão, volte ás comissões de Finanças e da Marinha, para que estas comissões, de acordo com o Poder Executivo, elaborem uma nova proposta de lei, pela qual as obras do novo Arsenal da Marinha se executem por forma que não só sejam acautelados os interesses do Estado, mas tambem tendo em atenção a actual situação financeira do Tesouro.»

E' provavel que ainda não seja discutida na sessão de hoje a emenda vinda da Camara dos Deputados ao artigo 7.º da lei que concede amnistia aos presos politicos.

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 22—Reza-se S. Soter, Martir, Papa, simplex, paramentos vermelhos, 2.ª oração. Concede 3.ª oração pela Egreja ou pelo Papa. (São permitidas ás missas, defuntos ou votivas).

LAUSPERENE—Na igreja paroquial de S. Jorge de Arroios.

FESTIVIDADES—Sé, ás 11, côro; ás 12, missa e vespera. S. Roque, ás 8,30, missa.

S. JORGE DE ARROIOS—A's 12 horas, festa á Senhora das Dores, com missa solene, por musica, orando o rev. Vacondeus; ás 19, terço de Bemditos, por musica.

NOVENA A' SENHORA DO RESGATE (AOS ANJOS)—RESGATE, ás 11 horas, com exposição do Santissimo, por musica e pratica.

NOVENA DOS PASSOS—CONCEIÇÃO VELHA, ás 12,30, por musica.

—Exposição da imagem do Senhor Jesus dos Passos nas igrejas do costume.

NA IGREJA DE SANTA CATARINA—E' recebido o Sagrado Lausperene no dia 23, havendo as seguintes festas:

Dia 23—A's 12 horas, exposição do Santissimo em Lausperene e festa a S. Sebastião, orando o rev. Agostinho da Mota; ás 19,30, A hora ao Santissimo.

Dia 24—A's 12 horas, festa á Senhora da Nazaré, por instrumental, orando o rev. Agostinho da Mota; ás 19, ladainha e «Te-Deum» por instrumental.

Dia 25—A's 11,30, festa ao Patrocinio de S. José, por musica.

DISTRIBUIÇÃO DO SAGRADO LAUSPERENE, DESDE 21 DE ABRIL ATÉ 15 DE MAIO DE 1921:

Dia 21—Na Igreja paroquial de S. jorge de Arroios.

Dia 23—Na Igreja paroquial de Santa Catarina.

Dia 25—Na Igreja de Nossa Senhora Consoladora dos Afli*tos (Asilo das Cegas), rua do Seculo.

Dia 27—Na Capela de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, do sr. dr. Centeno (ao Campo de Sant'Ana).

Dia 29—Igreja de Nossa Senhora do Resgate (aos Anjos).

Dia 1 de Maio—Na Igreja da Conceição Velha.

Dia 3—Na Igreja paroquial de Santa Cruz do Castelo.

Dia 5—Na Ermida da Ascenção de Cristo.

Dia 7—Na Igreja paroquial de 8. Miguel de Alfama.

Dia 9—Na Ermida de Nossa Senhora do Cabo, em Algés de Cima, por devoção da familia Pedroso.

Dia 11—Na Igreja paroquial dos Martires.

Dia 13—Na Ermida de Nossa Senhora dos Remedios (ao Chafariz de Dentro).

Dia 15—Na Santa Igreja Patriarcal (Sé).

PERFUMES
CRENOVILLE

PROVINCIAS

Em Coimbra

A Orquestra Blanch

Coimbra, 20

Brevemente vem a esta cidade a orquestra Blanch contratada pela Sociedade de Concertos de Coimbra.

Apreensão de azeite

O administrador do concelho de Penela fez uma importante apreensão de azeite, que monta a alguns milhares de escudos e que pretendiam conduzir para fóra daquele concelho,

Um assassinio

Sob prisão, chegou hoje a Coimbra o ferro-viario Abilio Jaime Barreiros, que no domingo de Pascoa assassinou á paulada em Formoselha, Antonio Vitorino Ribeiro.

Dr. Francisco Correia Fino

Realizou-se hoje o funeral do general medico reformado sr. Francisco Augusto da Graça Correia Fino.

As impressões do generalissimo Diaz

O generalissimo Diaz deu as suas impressões a um redactor da «Gazeta de Coimbra» sobre a receção que lhe foi feita nesta cidade e dos representantes da França e Inglaterra, escrevendo: «O general Armando Diaz resume o seu pensamento dizendo que ficou comovido, encantado, honrado com a recepção de Coimbra e que leva consigo uma recordação inolvidavel».

Em Cantanhede

Grande estrago nas vinhas

Cantanhede, 19

A intensa geada que aqui caiu na noite de 16 para 17 do corrente, causou enormes prejuizos nas vinhas, a maior fonte de riqueza deste concelho.

Em compensação os trigos têm um optimo aspecto, e se chover por estes dias, está garantida uma magnifica colheita.

Tentativa de suicidio

No lugar da Povoa da Lomba, deste concelho, tentou pôr fim á existencia, pendurando-se por uma corda que enrolou ao pescoço, o sr. Manuel José de Oliveiro, acudindo-lhe a tempo sua mulher, que cortou a corda com um foicinho, que felizmente trazia.

O Oliveira encontra-se muito abatido, sendo publico que tenteu suicidar-se com receio de perder uma questão que tem pendente nesta comarca e para a qual já dispendeu algum dinheiro, pelo que tem sido muito censurado.

Em Marinha Grande

Uma festa de caridade

Marinha Grande, 19.

Um grande numero de senhoras desta vila reuniram-se na administração do concelho a fim de resolverem a maneira de levar a efeito uma simpatica obra de caridade.

Ficou constituida uma comissão, que resolveu logo realizar muito proximamente uma elegante festa literaria e artistica para o que já conta com importantes adesões, entre as quais avulta a da sr.ª D. Maria Amelia Frazão, harpista e pianista distintissima. Naquele mesmo dia venderam pelas ruas uma pequena produção literaria, revertendo o produto a favor dos orfãos da guerra.

Escola movel do Engenho

Realizaram-se as provas finais dos alunos do curso noturno da escola movel do lugar do Engenho, tendo a professora sr.ª D. Clotilde Ramalho, obtido muitos aplausos.

Em Moncorvo

Guarda republicana

Moncorvo, 19.

Fala-se em readquirir a antiga casa do teatro ao Castelo, hoje ocupada pela G. N. R., adaptando-se para quartel da mesma guarda a antiga casa do Açougue.

Uma subscrição

Ha um certo entusiasmo em conseguir fundos para aquisição de uma bomba de incendios, para o que já se abriu uma subscrição e se deram dois espectaculos em teatro improvizado no salão nobre dos Passos do concelho.

A liquidação da cooperativa moncorvense

Está em liquidação a Cooperativa Moncorvense que contava já uns 15 anos de existencia. Nesta terra que podia e devia ser uma das melhores do distrito, andamos sempre as avessas; acábamos quando os outros começam.

O ano agricola

Vai um tempo inclemente, sem uma gota de agua. Morrem as searas e morre tudo. Espera-nos um ano terrivel.

Novo teatro

E' de 540$65 o produto liquido das 3 recitas dadas pelos academicos em beneficio de um novo teatro. Esse capital foi já posto a render.

Em Ilhavo

A raiva

Ilhavo, 19.

Um gato atacado de raiva, pertencente á Cooperativa da Fabrica de Porcelana de Vista Alegre, mordeu em seis operarios, sendo quatro de Ilhavo e dois do visinho concelho de Vagos.

Os operarios devem seguir ámanhã para ahi, a fim de receber tratamento.

LIVRARIA PROFISSIONAL
Largo do Conde Barão, 49
Livros tecnicos
de todas as especialidades

"Caminho da Atlantida"
(Uma campanha luzo-brasileira)
—=POR=—
JOÃO DE BARROS
Á VENDA NA
LIVRARIA PROFISSIONAL
Largo do Conde Barão, 49

Grande novidade

Foi ontem inaugurada, em Lisboa, uma alfaiataria modelar

A Lisboa elegante, a Lisboa do bom tom, tem para o futuro uma explendida casa de alfaiataria onde pode vestir, em excepcionais condições de preço, pelo ultimo figurino. O estabelecimento dos srs. Teixeira, Campos & Almeida, Limitada, que ontem foi inaugurado na praça de D. Pedro, 26, 1.º, sobre ser magnificamente situado, no ponto mais central da cidade, possui uma esplendida instalação e um sortido variadissimo dos melhores pedrões, de molde a satisfazer ainda as pessoas mais exigentes na escolha do vestuario. De ora ávante, a Lisboa *smart* tem o dever de vestir na alfaiataría verdadeiramente modelar dos srs. Teixeira, Campos & Almeida, Limitada, dirigida por duas pessoas da maior competencia dentro do seu *métier*, que são os srs. Aristides Teixeira e Albano Alvaro de Almeida, tendo o segundo desempenhado, com notavel proficiencia, o cargo de contra-mestre da casa Ribeiro & Silva.

Na inauguração, que ontem se efectuou, foi servido um delicado copo de agua, a que assistiram numerosos amigos da casa, tendo-se trocado os brindes mais afectuosos e promissores de um exito absolutamente assegurado. Os representantes da imprensa, amavelmente convidados para assistir ao acto, associaram-se ás felicitações dirigidas aos srs. Teixeira, Campos & Almeida, que tiveram o bom gosto de montar uma alfaiataria modelo, uma das melhores que existem actualmente na Baixa.

Livraria PORTUGALIA Editora
Gabinete de Leitura
Portuguesa
Francesa e Hespanhola
9.000 obras dos melhores autores
Completa variedade de ROMANCES
Poesia — Historia — Filosofia — Arte — Finanças, etc., etc.
Mensalidade 1$20
Catalogos 1$50
75 — Rua do Carmo — 75

BANCO COLONIAL PORTUGUEZ
SÉDE: Rua Aurea, 175 a 191 --- LISBOA
SUCURSAIS:
PORTO --- Casa Pinto & Sotto Mayor   RIO DE JANEIRO --- Banco Portuguez do Brasil
Telegr.: PROCOLONIA — Telefones: C. 5220-5221
Capital autorizado: Esc. 100.000:000$ Capital emitido: Esc. 10.000:000$
SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL PORTUGUEZA
Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras
Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a praso em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no país e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

NO ESTRANGEIRO

A ULTIMA TABUA...

As novas propostas alemãs que vão ser entregues aos aliados

A Alemanha resolve-se a pôr de parte a sua politica dubia — Parece que as propostas serão acolhidas favoravelmente — A imprensa alemã manifesta-se contra a invasão do territorio

Quando da ruptura das negociações em Londres, von Simons afirmou que a Alemanha não iria de motu proprio fazer novas propostas e que, quando os aliados as pedissem, decerto elas ficariam muito áquem das apresentadas em Londres. Porque depois de executadas as sancções, von Simons entendia que ceder, da parte da Alemanha, era como uma suplica de paz e de amizade.

Mês e meio passou e os alemães, na vespera de verem a região do Rhur e a Westphalia industrial invadidas, apressam-se a levar aos aliados novas propostas.

A imprensa, ainda a mais rebelde, usando apenas do raciocinio e reconhecendo o perigo que adviria de o não fazerem imediatamente, parte deixando transbordar o odio e a raiva aos aliados, foi unanime em demonstrar que era necessario evitar a invasão a todo o custo.

E o governo de Berlim, dando por vezes a impressão de que não estava de acordo com as declarações de von Simons, pretendendo esclarecer algumas e para lhes modificar o sentido reconheceu afinal que a essencia dessas declarações, a necessidade absoluta de apresentar novas propostas aos aliados, era um facto inadiavel.

A ruptura de relações em Londres foi o ultimo golpe de força que a Alemanha deu: imaginou que os aliados esgotariam todos os meios persuasivos e antes cederiam a todas as suas exigencias, do que tornariam a pegar em armas. Contou com um mal entendido, com a interferencia de um deles a seu favor: enganou-se em tudo.

E' por isso que a Alemanha, decorrido um mês após a conferencia de Londres, vem fazer novas propostas. Ainda se lhe não conhece oficialmente o conteúdo, mas sabe-se que a reconstrução das regiões devastadas ocupa nelas o papel mais importante: oferece garantias e interesses sobre as grandes industrias alemãs e finalmente reconhece a necessidade de entregar aos aliados uma forte quantia de dinheiro.

Pede ainda a formação de um tribunal de arbitrio neutral, para resolver os pontos em que haja desacordo.

Nos meios geralmente bem informados supõe-se que as propostas alemãs serão acolhidas favoravelmente.

AS REPARAÇÕES

As bases do presidente da Associação das "Trades Unions" alemãs

BERLIM, 21.

O presidente da Associação das «Trades Unions» alemãs, submeteu á apreciação dos seus amigos franceses variadas bases para se guiar o trabalho de reparação a fazer com os alemães.—(R.).

Tabacaria Barbosa

Novidades literarias nacionaes e estrangeiras

Jornaes e publicações ilustradas

Telefone 2926-C.

Rua do Carmo, 67

O MOVIMENTO MINEIRO

No mercado francês começam-se a sentir os efeitos da greve

As perturbações na industria agravam-se dia a dia—Só trinta altos fornos se encontram em actividade — 350.000 toneladas de carvão que não podem seguir para o sul da França

LONDRES, 21

A situação financeira não melhora, provocando cada dia novas perturbações na industria. No mês de Agosto ultimo, o numero de altos fornos em actividade era de 300. Nestes ultimos dias, estavam reduzidos a 30, e até estes serão apagados no fim da semana, se até lá não houver terminado a greve.

Os efeitos não se fizeram esperar no mercado francês de carvão, aonde se manifestou uma rapida actividade de pedidos, sobretudo nas regiões do Sul e Sudoeste, que estavam abastecidas exclusivamente por carvão inglês.

Calcula-se em 350.000 toneladas o total dos pedidos, que a greve inglesa não deixou cumprir.

MARECHAL JOFFRE

MADRID, 21.—O marechal Joffre telegrafou da fronteira os seus agradecimentos ao rei, recebendo uma resposta afectuosa.—(R.)

MAIS UM PROTESTO

A ocupação dos territorios rhenanos pelas tropas de côr

"A França, é de todos os países coloniais, o que considera os soldados de côr iguais aos cidadãos da metropole. Não faz distinções entre os soldados que defendem a Republica"

PARIS, 21

Os alemães continuam de novo a sua campanha contra as tropas de côr que ocupam os territorios rhenanos. O sr. Mauricio Geneste escreve que, de todos os países coloniais, a França é talvez o unico que considera os seus subditos dos países exoticos como os iguais dos cidadãos da metropole. Os soldados de côr que servem a Republica, são soldados em toda a acepção do termo, e a França não faz distinções entre os de Madagascar, da Cochinchina ou da Beauce. Os alemães protestaram em Washington, contra o emprego das tropas negras, acusando-os de varios crimes. No espirito puramente amigavel, o governo americano, encarregou o general Allen, comandante em chefe das tropas americanas no Rheno, de fazer um inquerito. Este ultimo enviou de Coblentz á repartição do Estado, em 2 de Junho de 1920, um relatorio em que faziu absoluta justiça ás tropas negras da França.

O DIA 1 DE MAIO

O cumprimento do Tratado de Versailles

O plano francês é ocupar um setimo da região de Rhur

(Serviço especial para o Diario de Lisboa)

LONDRES, 21—O sr. Briand e o marechal Foch passarão o fim da semana com Lloy George em Lympne, para discutirem as medidas a adotar para com a Alemanha, no caso de esta não cumprir as obrigações dos tratados.

O plano francês para exercer sobre a Alemanha compreende a ocupação dum setimo da região do Rhur com uma população de quatro milhões de almas.

Reconhecer-se-hão as propostas alemãs?

A questão da Alta Silesia

BERLIM, 21—As ultimas noticias recebidas de Paris parecem indicar que a França não porá em pratica medidas de força contra o distrito de Rhur, antes de tomar em consideração as propostas alemãs.

Alguns circulos franceses desejam que a Alta Silesia, na parte dos seus distritos industriais, seja entregue á Polonia, quaisquer que sejam as propostas alemãs

A proposta dum emprestimo internacional

As reparações a pagar á França

BERLIM, 21—Algumas entidades alemãs tencionam propôr que se faça um emprestimo internacional para garantir as reparações á França e que sejam empregadas na reconstrução dos distritos destruidos operarios alemães a quem sejam mantidos os seus direitos sociais e politicos.

NOS ESTADOS UNIDOS

A proíbição das bebidas alcoolicas

Dez cidades votaram a favor da importação

NEW-YORK, 21—Procedeu-se a «referendum» no Hontario ácerca da lei da proíbição das bebidas alcoolicas. Houve 150 mil votos de maioria a favor da proíbição, apesar de dez das mais importantes cidades terem votado a favor da importação do alcool.

A exportação de gado no Canadá

LONDRES, 21.

O visconde Finlay será o presidente da comissão real que vai estudar a questão de remover o embargo nas exportações de gado no Canadá.—(R.).

Um emprestimo ao governo da India

LONDRES, 21.

Entabolaram-se negociações para se fazer um emprestimo de 7,500,000 libras ao governo da India para este comprar material de caminho de ferro na Inglaterra.—(R.).

AS ORDENS DE MOSCOU...

A politica bolchevista vai entrar numa fase de reflexão?

Os processos usados até hoje parece que vão ser postos de parte — A C. G. T. francesa não tomará parte no proximo Congresso Internacional de Moscou — O ataque do alemão Levi

Crêmos que a politica bolchevista vai entrar numa nova fase: a da reflexão.

E' claro que não supomos que a massa das populações, individualmente, vá reflectir, pensar, e elevando-se ao conhecimento perfeito das doutrinas as ponha em pratica com justiça, o que seria verdadeiramente o paraiso descido do ceu á terra.

Contudo um progresso se verifica: deixaram de obedecer cegamente ás ordens de Moscou.

Até aqui o governo dos «soviets», organizando, em todas as nações, corporações que espalhassem a doutrina, foram em tudo obedecidas cegamente, porque os povos acreditavam que o bolchevismo. sendo o esmagamento do burguês, era tambem o reinado do proletariado.

Mas agora, noticias trazidas pelos proprios socialistas, apresentam-lhes uma sociedade muito diferente da que lhes anunciavam nas doutrinas, e os socialistas começam a conhecer que uma situação igual á que está na Russia é, não só pior do que aquela em que se encontram, mas ainda mais despotica que a propria Russia dos czares e a sua antes da Revolução Francesa.

Diante disto têm reflectido e essa reflexão vai produzindo efeito.

Os operarios de transportes ingleses renunciando á greve depois de a terem deliberado, destruindo a união que até aí formara a Triple Aliança, e desobedecendo, sem duvida, ás ordens de Moscou, provam que o espirito nacional que os anima ainda é mais forte do que as deliberações da Russia.

Na Alemanha Paul Levi ataca violentamente o «Comité» Central, que obedece decerto ao governo dos «soviets», e a sua voz encontra eco.

Em França, emquanto a C. G. T. declara terminantemente que não tomará parte no proximo congresso internacional de Moscou, os sindicalistas perguntam se é admissivel tomar-se parte nesse congresso, dado o despostimo que reina sobre o sindicalismo russo.

Sabemos a impressão causada pelas declarações do snr. de los Rios no congresso socialista hespanhol.

Que concluir senão que o socialismo começa a entrar na fase da reflexão e que breve compreenderá quanto lhe é prejudicial a revolução á semelhança da Russia, pois só os leva a uma situação muito mais deprimente?

Em vista da nova orientação, baseada sobre a analise dos factos, poderemos talvez esperar que o movimento socialista se não tomará numa invasão dos barbaros, como se chegou a recear, e que a Russia tendo sofrido o principal deste movimento como a França sofreu mais que todos os povos com a revolução francesa, que foi uma revolução mundial, ensinará a todos, que os excessos dão um efeito contraproducente, e em logar do terror vermelho, levarão todos os trabalhadores a esforçarem-se, energica mas sobretudo sensatamente, por adquirirem os direitos de que saibam gosar.

Os factos mostram que a politica de terror, usada até hoje, está a cair, posta de lado pelos proprios que a têm usado.

AUTOMOVEIS

Vendem-se 2, Berliet e Brasier.
Largo do Marquez do Lavradio, n.º 15.

ULTIMAS NOTICIAS

EM TERRAS DE ESPANHA

A feira de Sevilha

SEVILHA, 21.

A feira tem decorrido animada. Tem havido muitas transacções em gados. Nas barracas do Casino, celebrou-se a festa do cravo em beneficio das crianças pobres a quem se fornecerá leite.—(R.)

O conflito dos operarios do Arsenal

BILBAU, 21.

Aumenta o conflito dos operarios dos arsenais, estando em greve muitos milhares de trabalhadores,—(R.)

Director geral de segurança

MADRID, 21.

Demitiu-se o director geral da segurança Torres Almurria, sendo nomeado para o substituir Millan Priego, actual chefe da secção da ordem publica.—(R.)

Um choque de comboio em Cordova

CORDOVA, 21.

Um comboio chocou numa passagem de nivel com um automovel, ficando os passageiros dêste gravemente feridos.—(R.)

Congresso das juventudes socialistas

MADRID, 20.

O congresso das juventudes socialistas resolveu, por 3:018 votos contra 440, separar-se do partido.—(R.)

Queda de um aeroplano

MADRID, 20.

No aerodromo de Quatro Vientos, caiu um aparelho, escangalhando-se na queda. Morreu o tenente da administração Francisco Ozor Muñoz.—(R.)

Começou o debate no parlamento sobre o terrorismo

MADRID, 21.

Começou o debate sobre a repressão do terrorismo, impugnando o projecto do governo o sr. Alcalá Zamort em nome dos liberais.

Respondeu-lhe o ministro da justiça, defendendo o projecto do governo e dizendo que este admitiria modificações que não alterassem as caracteristicas fundamentais do projecto. Acrescentou que a camara não pode proceder de maneira que os delitos fiquem impunes. Posto á votação votaram pelo governo 101 deputados e contra 70.—(R.)

A industria das pescarias—As operações em Marrocos

MADRID, 21.

No senado, o sr. Fabie, pediu protecção para a industria das pescarias, respondendo o ministro da marinha que trataria dessa questão esforçando-se por assegurar uma protecção efectiva á pesca maritima nacional.

O sr. Berenguer comunicou que as colunas comandadas pelo coronel Gastro, subiram o Vale de Tagyer tendo ocupado variados pontos das montanhas d'essa região marroquina.—(R.).

As relações austro-alemãs

Uma circular do conselho nacional austriaco

VIENA, 21.

O conselho nacional cedendo ás instancias dos membros pangermanistas decidiu enviar ás potencias uma circular, na qual se propõe estabelecer que a Austria é, segundo o tratado de Saint-Germain, livre de tomar as suas determinações na questão da ligação com a Alemanha.

A circular diz que o movimento actual em favor da ligação da Austria á Alemanha, não é inspirada por esta ultima nação, mas tem por base os sentimentos expontaneos do povo austriaco.

O chanceler Mayer declarou-se, segundo se diz, de acordo com esta conclusão e mostrou o ponto de vista do governo favoravel a esta solução da questão.—(R.)

DA ARCADA

O deputado sr. Maldonado de Freitas, esteve hoje na repartição das construções escolares, tratando do pagamento dos subsidios em divida aos concelhos de Alcobaça, Caldas da Rainha, Pombal e Obidos.

—Foi concedida licença ao sr. José dos Santos Pereira Monteiro, residente em Mertola, para aproveitamento de agua do rio Guadiana para energia electrica. O sr. José Moreira transferiu em tempo os direitos daquela concessão para o sr. Francisco Celorico Palma, tambem residente em Mertola.

—Não tendo as companhias de seguros e sociedades mutuas da circunscrição do tribunal de desastres no trabalho de todos os nomes de delegados para a eleição dos seus representantes na constituição do mesmo tribunal, o sr. ministro do Trabalho nomeou os srs. Pompelio Ratola, Egas da Silva Salgueiro e João Baptista Moreira, para constituirem a pauta daqueles representantes.

—O sr. dr. Antonio Augusto de Sousa foi exonerado de oficial do registo civil em Santa Comba Dão e substituido pelo sr. dr. Anibal de Matos Viegas e Costa.

O desastre de Cabo Ruivo

Do hospital de S. José saíu hoje, para a estação do Rocio, com destino ao Porto, o funeral do empregado no comercio, sr. Jullo Augusto Areias, que faleceu em virtude de ter sido colhido por um comboio em Cabo Ruivo, caso que os jornais noticiaram.

EXAMES EM COIMBRA

Partiu hoje de manhã para Coimbra o sr. dr. Queiroz Veloso, professor e director da faculdade de letras de Lisboa, a fim de presidir aos exames na Escola Normal Superior.

Consul geral de Portugal no Brasil

Foi mandada abonar ao consul geral de Portugal no Rio de Janeiro a quantia de 90$00 mensais para distribuir como subvenção aos empregados da chancelaria que não forem funcionarios de carreira.

Misericordia de Pombal

Pelo deputado sr. Maldonado de Freitas, foi entregue ao sr. ministro do Trabalho uma representação da Misericordia de Pombal, pedindo um subsidio para auxiliar a construção do seu novo hospital.

O contracto de trigos com o Canadá

Reuniu ontem a comissão encarregada de estudar as propostas para compra de trigos, tendo dado parecer favoravel á proposta referente á permuta de trigo do Canadá por vinhos nacionais.

O respectivo parecer, que propõe algumas emendas á proposta apresentada por uma casa espanhola, será presente ao sr. ministro das Financas antes de ser apreciado em conselho de ministros.

Com o sr. Antonio Maria da Silva conferenciou hoje sobre este assunto o sr. José dos Santos Nascimento, autor da proposta.

Inter-cambio franco-português

NO CONSERVATORIO

Está-se realizando no Conservatorio de Lisboa uma recepção em honra do sr. Henri Prunières, director da «Renu Musical de Paris», que ámanhã iniciará na Sociedade de Geografia as suas conferencias da serie do inter-cambio Universitario franco-português sobre «a musica e a opera em França no antigo regimen». Nessa recepção falará falará o director do Conservatorio Mnsical, sr. Viana da Mota, e o sub-director sr. Freitas Branco.

O caso do vapor "Guipuzcôa"

Ainda não foi deslindado o caso macabro do vapor «Guipuzcôa», que detalhadamente relatamos. A policia tem andado de Herodes para Pilatos em busca de elementos que a habilitem a premiar com o devido castigo os incognitos autores da morte do guarda fiscal. Mas uma confusão enorme parece emaranhar o caso, de sorte que já alguns defetistas são de opinião que ao navio espanhol seja dada autorização para seguir viagem para Huelva. A policia de investigação criminal depositou o caso nas mãos da policia maritima. Esta queixa-se da outra o ter feito tão tarde e ainda do contra-mestre do «Guipuzcôa» ter feito remover o cadaver do porão para o convez, sem terem comparecido as autoridades competentes que deviam lavrar um auto de exame da posição do cadaver e dos pequenos detalhes que a podiam levar á descoberta dos assassinos.

Entretanto já ontem se realizou o funeral do guarda fiscal José Diogo Vicente.

E' operada uma filha do sr. dr. Bernardino Machado

Na casa de saude das Amoreiras sofreu uma operação melindrosa uma filha do sr. dr. Bernardino Machado, que felizmente se encontra em estado satisfatorio. Operou o sr. dr. Carlos de Melo, servindo de ajudante o sr. dr. Elias Baruel e de anestesiador o sr. dr. Francisco Gentil.

MUSICA

Realiza-se hoje ás 21,30, no teatro de S. Carlos, o primeiro concerto do Quarteto Poulet, de Paris, com o seguinte programa: Quarteto, op. n.º 593, de Beethoven; Quarteto de Debussy, e Quarteto em «ré menor», de Schubert. O segundo concerto realiza-se ámanhã.

Na Universidade Popular Portuguesa

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, a quarta conferencia do sr. dr. Faria de Vasconcelos sobre «Educação das familias». Em seguida ha sessão cinematografica educativa, sendo a entrada publica.

O caso da venda dos livros de S. Vicente

Publicaremos ámanhã uma carta do sr. dr. Julio Dantas, inspector geral das bibliotecas e arquivos, na qual o ilustre escritor explica cabalmente o caso de que nos temos ocupado sob o titulo *Os livros da Biblioteca de S. Vicente.*

A pesca do bacalhau

Está sendo organizada uma companhia portuguesa para exploração da pesca do bacalhau nos bancos da Terra Nova, a fim de atenuar o «deficit» de produção nacional daquele genero.

"Diario de Lisboa"

— JORNAL DA TARDE —

Vende-se em todas as tabacarias e quiosques

Aparelho telefonico

Precisa-se um aparelho telefonico. Carta a este jornal ás iniciais J. M.

EM PARIS

Um almoço no Eliseu em honra da missão chinesa

Um discurso do presidente da Republica

PARIS, 21.

Durante o almoço dado no Eliseu em honra da missão chinesa, o presidente da Republica pronunciou um discurso, em que fez o elogio do sr. Chu Chi Chen e mostrou depois toda a simpatia que a França tem pela grande republica da Asia Oriental.

O sr. Chu Chi Chen agradeceu invocando as lições de liberdade, igualdade e fraternidade, proclamadas pela revolução francesa e que são ha muitos seculos ideias caras aos corações chineses. Depois mostrou as vantagens do instituto dos altos estudos chineses junto da Universidade de Paris, para a aproximação das duas grandes civilizações do ocidente do Extremo Oriente.

A missão chinesa visitou em seguida os invalidos.—(R.)

PREPARANDO A PAZ

As bases e as taxas de avaliação das reparações

Os prejuizos maritimos

PARIS, 21

A comissão das reparações está em vesperas de acabar o seu estudo das diferentes categorias de prejuizos, sob o ponto de vista da fixação das bases e das taxas de avaliação e estudarem-se os prejuizos feitos nas minas e nos caminhos de ferro e resta afixar os prejuizos maritimos.—(R.)

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no

ESCRIPTORIO FORENSE

R. do Carmo, 35, 2.º

N.º TELEF[illegible]CO: 4:233 — C.

Imprensa Libanio da Silva

Sucessores Sousa & Gomes, Ltd.

24, Travessa do Fala Só, 24

Telefone 2110 C.

Trabalhos tipograficos em todos os generos. Encadernações.

DR. JOÃO CAMELO

ADVOGADO

Rua Eugenio Santos, 9, 2.º

EXPEDIENTE

Aos nossos presados assinantes rogamos a fineza de nos comunicarem qualquer irregularidade na entrega em Lisboa feita por distribuidoras, e qualquer erro nos endereços aos que são servidos por intermedio do correio a fim de imediatamente providenciarmos.

A ADMINISTRAÇÃO